

# Jovens, mulheres e feministas: experiências múltiplas e identidades possíveis

PALOMA PINHEIRO SANCHES\*

**RESUMO:** Quais fatores poderiam levar mulheres a se auto-intitulem feministas? Mal visto(s) academicamente, estereotipado(s) socialmente, o(s) feminismo(s) ainda são capazes de produzir efeitos de identificação em um público mais do que inesperado, aquele que mais sofre os apelos e as pressões do *Backlash*, a guerra não (será?) declarada contra as mulheres, que assola a sociedade brasileira contemporânea: mulheres entre 20-30 anos. Por que elas se propõem a contestar tão profundamente os valores sociais hoje instaurados e assumem uma postura de luta ante a pressão dos padrões estéticos e comportamentais que tanto oprimem as mulheres? Este artigo pretende explorar, utilizando entrevistas, as percepções que essas feministas têm dessa identidade a qual se “vinculam”, pela qual se fazem ver e desejam ser reconhecidas, ou seja: feminista? Identidade fixa? Mutável? Construída a partir de experiências específicas? Definível em quais termos? Essas são algumas das questões que pretendo mapear aqui.

**PALAVRAS-CHAVE:** feminismos, feministas, identidade(s), experiência(s), valores sociais, contestação.

Ser feminista... O que isso pode significar? Mais uma identidade fixa/fixada, uma postura política/militante, uma espécie de radicalismo sem justificativa?

Atualmente, falar em feminismos já é, por si só, uma tarefa complicada. O senso comum, bem como o(s) próprio(s) discurso(s) da Academia, abominam a idéia de que as mulheres ainda precisam de uma elaboração teórica ou de uma prática social específica, focada e voltada para as suas experiências. Frases como “as mulheres já conseguiram tudo o que queriam/precisavam” são repetidas em larga escala, tanto nas novelas quanto nas salas de aula. Hoje, assumir uma identidade feminista é tarefa ainda mais árdua do que simplesmente propor um debate relativo às questões propostas pelos feminismos. Lésbicas, radicais, mal amadas, machonas: essas são as facetas que as feministas assumem nos ditados populares, no discurso científico, nas conversas de bar. O *Backlash*<sup>1</sup>, como havia proposto Susan Faludi, vem se intensificando: “a guerra não declarada contra as mulheres” assume formas impensáveis e ganha força a cada dia. Padrões de beleza mutilam e massacram as mulheres, com cirurgias plásticas, dietas absurdas, exercícios físicos extenuantes e todos os tipos de cremes e tratamentos: para colorir os cabelos ou clarear a pele, para diminuir o tamanho dos pés ou estender, em alguns centímetros, a própria altura, para emagrecer quilos e mais quilos ou ganhar

busto e coxas. Dor? A “Verdadeira Mulher” desconhece essa palavra. Afinal, o “prazer” em corresponder às expectativas e aos olhares alheios faz transcender todos os limites. É no olhar do outro que nos fazemos, é nele/por ele que nos construímos como sujeitos-mulheres. Sem seduzir, como cumprir o destino natural/biológico de ser mãe, ser esposa?

Interpelada por esses discursos anti-feministas com os quais nós, mulheres, somos bombardeadas cotidianamente, decidi tentar buscar, em entrevistas feitas com mulheres de 20-30 anos, que se assumiam como feministas<sup>2</sup>, as suas motivações para tal. Que tipo de acontecimentos levou-as aos feminismos? Como elas percebiam a relação entre suas experiências como mulheres, em um mundo sexista, com as práticas/teorias feministas? Que tipo de reflexão sobre suas experiências o contato com os feminismos proporcionou? Essa identidade era problemática para elas? Enfim, utilizando o questionamento já posto anteriormente por Anne Quéniart e Julie Jacques<sup>3</sup>: por que e como ser feminista hoje? Procurando encontrar não respostas, mas novas perguntas relacionadas a esse tema, recorri à fala das próprias feministas para elaborar esse artigo.

Duas das seis entrevistas foram realizadas no próprio ambiente da Universidade de Brasília, em uma sala de aula vazia, localizada no final da Ala Norte do ICC. As entrevistadas, que serão identificadas pelos codinomes Bárbara e Ana no decorrer dessa análise, escolheram a data e a hora da entrevista, que se deu separadamente. Em ambos os casos, não havia mais ninguém no local e hora em que ocorreram esses encontros.

Tanto Ana quanto Bárbara identificam-se como feministas. Apesar de terem contato com os feminismos há relativamente pouco tempo (Bárbara há dois anos; Ana há um ano, aproximadamente), ambas afirmam que conhecê-los provocou mudanças radicais e questionamentos cruciais. Conhecer os feminismos, como teoria e prática, desenrolou um processo “irreversível” de auto-crítica e contestação dos valores sociais atribuídos às mulheres.

“A articulação entre experiência feminina e feminismo se deu aos 25 anos. Não politizava minha experiência feminina. Eu não tinha despertado para o fato de eu ter um determinado corpo me levava a certas experiências. Eu achava que tudo era problema da Bárbara, não estava ligado ao fato de ser mulher. E eu não pensava que outras mulheres passavam pelas mesmas coisas.(...) Aí entrei em contato com os feminismos através de um amigo meu. Comecei a ver a minha experiência como algo que não era simplesmente pessoal. Havia uma reverberação muito maior. Quando entrei em contato com as teorias feministas, com 25-26, descobri que o pessoal era político e aí percebi a ligação entre o que acontecia comigo e no mundo. Vi até que os feminismos são plurais, não há um feminismo, uma identidade, nem

uma Bárbara. Tudo é múltiplo. Aí os feminismos me seduziram. Porque se fosse uma coisa só seria religião, e era disso que eu queria fugir”. (Bárbara)

“eu me considero feminista pela relação que mantenho hoje com as coisas que acontecem no cotidiano, e que me irritam, e que vão me dando angústias. Eu fui vendo que, essas angústias, eu passava por ser mulher. E eu não agüento mais essas coisas. Algumas coisas que eu era privada de fazer por ser mulher, e que me irritavam muito, me aproximaram do feminismo”. (Ana)

A percepção da identidade feminina, dos lugares e papéis pré-definidos para as mulheres, como um construto sócio-histórico-cultural parece ser o ponto a partir do qual essas jovens mulheres, assumidamente feministas, iniciaram o questionamento de suas “experiências femininas”. As privações e limites impostos às mulheres são contestados pois incomodam Bárbara e Ana. Em um dado momento, elas percebem que o fato de serem mulheres articula suas experiências com as de todas as outras mulheres inseridas no mesmo contexto sócio-histórico-cultural. E que sua identidade feminina não é simplesmente construída por elas, mas obedece a toda uma “*ordem do discurso*” que é constitutiva da sociedade, da cultura, do tempo e do espaço em que vivem. Refiro-me, aqui, à noção de “*ordem do discurso*”, tal como enunciada por Foucault<sup>4</sup>:

“Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”.

A idéia de feminilidade, de identidade feminina, também é um discurso, uma construção humana. Incluída nesse regime de verdades que legitima, ou não, determinadas práticas e comportamentos, são aceitas e percebidas como naturais e verdadeiras. Pertencente à ordem do discurso, constrói o limite arbitrário entre o que é verdadeiro ou falso, bom ou ruim, feminino ou masculino. Note-se, aqui, que o discurso da feminilidade é baseado em uma concepção identitária binária; o que não é feminino, é masculino. Tudo o que escapa a esse padrão é ininteligível, abjeto, aberração.

É nos feminismos que essas jovens encontram algumas respostas para as angústias sofridas em suas experiências pessoais. A “racionalização” da assimetria de gênero como um problema social, e não individual, é marco crucial para a construção de uma nova identidade, agora feminista. E é na própria percepção e análise das peculiaridades e dos problemas específicos da vivência feminina que elas encontram a possibilidade de criticar ferreamente sua condição.

A partir do momento em que elas questionam a “naturalidade” do “ser mulher”, Bárbara e Ana parecem sentir mais claramente no cotidiano as pressões da normatização a que são submetidas. Em alguns trechos das entrevistas, essas comparações entre o “antes” e o “depois” dos feminismos em suas vidas, no que diz respeito especificamente ao *assujeitamento*<sup>5</sup> delas às representações sociais<sup>6</sup> que constroem uma imagem unívoca e naturalizada de mulher, são bastante interessantes:

“Meu pai sempre me deu muita liberdade, sempre disse ‘se vira’, mas me controlava em algumas coisas porque eu era mulher. Meus irmãos podiam fazer coisas que eu não podia por ser mulher. Quando eu engravidei, com 21 anos, rolou uma situação limite entre mim e meu pai, eu e meu namorado. Meu pai me culpava porque usei minha autonomia para aquilo que eu não podia: meu corpo para o prazer. Meu namorado me dizia que eu não sabia ser mulher. ‘Eu sou mais mulher do que você’. Segundo ele, minha criação tinha me deixado não feminina, por causa da autonomia que meu pai tinha me dado. Aí comecei a me perguntar ‘o que é ser mulher?’ Observando a realidade, guiada pelo olhar do meu namorado, percebi em mim milhares de características não femininas. E o olhar dele era muito religioso, protestante, baseado na Bíblia. E eu mergulhei nessa identidade feminina que estava na Bíblia e tentei ser isso. E comecei a reproduzir algumas coisas, meus comportamentos. Isso mudou meu modo de respirar, meu corpo (deixei meu cabelo crescer). Meu namorado dizia que as mulheres deveriam se arrumar para o marido e vestir-se sobriamente fora de casa. E eu fiz isso. E eu achava que tinha controle sobre isso, que eu tinha escolhido ser essa ‘verdadeira mulher’”. (...) Aí pensei que eu tinha entrado nos feminismos guiada pelo olhar de uma outra pessoa, de um homem. Só que havia uma diferença: com a bíblia, eu senti a pressão, me senti cedendo. Com meu amigo que me apresentou aos feminismos, senti que ‘dei as mãos’. (Bárbara).

O modelo de feminilidade vigente é já sentido e pensado, no presente, como opressivo pois, questionada a essência feminina, corresponder a ele torna-se um exercício cada vez mais doloroso de enquadramento em padrões sociais. No passado, a introjeção da identidade feminina como algo “natural” e “normal” levava à tentativa incessante de corresponder às expectativas sociais. As duas entrevistadas utilizam exemplos de suas experiências passadas para confrontar “o que eram antes” e o que “são hoje”, em relação à reação que tinham quanto às “pressões normatizadoras” de gênero.

“Começou, essa história de feminismo, com a vontade de resolver coisas. E isso eu já sinto que foi resolvido. Eu comecei a me sentir mais livre em relação às coisas depois do meu contato com os feminismos. Eu acho que, por exemplo, esse lado de relacionamentos, eu já passei por todas as coisas. Eu não saía sozinha, com medo de parar o carro e os caras mexerem comigo na rua. Não tinha coragem de ir atrás de uma pessoa de quem eu estivesse a fim. Eu ficava brigando com o meu cabelo, secava ele todo dia. Hoje não me sinto mais na obrigação de estar sempre bonita. E isso passou, passou mesmo. Hoje eu penso ‘como é que eu me preocupava com isso?’” (Ana)

É interessante notar como Bárbara compara a aproximação entre ela e os feminismos com a adoção do padrão de feminilidade apontado como “bom e correto” por seu antigo namorado. Ela nota que não precisou “adequar-se” para vivenciar os feminismos, apesar de ter sido guiada por um olhar masculino nas duas situações. Ela sente sua relação com os feminismos como algo mais igualitário, enquanto que a relação com o namorado era assimétrica e baseada em modificações que ela deveria proceder, em seu corpo e mente. Mudar o cabelo, o modo de respirar, a postura, em busca da “verdadeira mulher” parece ter sido um exercício difícil e doloroso, experiência que não se repete em relação aos feminismos. Já Ana associa explicitamente feminismo à liberdade e o passado ao medo, vergonha, sofrimento. As investidas contra o corpo, na intenção de moldá-lo e adequá-lo, são personificadas na relação dela com seus cabelos. No passado, antes do contato com os feminismos, “secar os cabelos” era uma atitude cotidiana. Hoje, ela não se sente obrigada a estar “sempre bonita”.

É no corpo que ficam as mais profundas marcas da construção de uma identidade feminina. Como sugere Judith Butler<sup>7</sup>, é a vivência performativa do gênero, adquirida ao longo do tempo, que promove a materialização do sexo dentro dos moldes de feminilidade. É a própria socialização que transforma “pessoas” em “mulheres”. e esse processo fica totalmente inscrito no corpo. A preocupação com os cabelos, com a postura, com o tom de voz, com as atitudes e as palavras está presente na busca pela verdadeira e coerente “mulher”. E as jovens feministas dizem sentir o sofrimento de modificar e dobrar o próprio corpo, no ímpeto de tornar-se essa “mulher” que não é uma essência, mas uma exigência social.

Outro aspecto que é interessante ressaltar: a importância do olhar do outro na construção de uma identidade. A pergunta clássica “o que é uma mulher?”, feita por Bárbara, expressa com clareza o questionamento da obviedade dessa condição. É no olhar do outro que as mulheres encontram a definição daquilo que deveriam ser “naturalmente”. Se, para algumas, essa indagação indica uma reviravolta nos valores e auto-representações, para outras, esse é o momento da adequação. Ora, as características femininas estão tão explicitamente definidas, tanto no discurso acadêmico quanto no senso comum, que fica difícil ultrapassar essa barreira. E quando um outro indica a anormalidade de seu comportamento (Como você é mulher e não é feminina?), principalmente se for um homem, é difícil não ceder à interpelação social. O processo de socialização associa uma coerência e uma naturalidade aos comportamentos que, freqüentemente, não é percebida no cotidiano.

A “fragmentação” dos sujeitos é tida como desvio; o “correto” é a coerência. Admitir contradições e tomar posturas de aceitação da pluralidade de identidades que se possui é quase sinônimo de ser marginalizada, por adotar uma conduta “anormal”. E a marginalização é provavelmente o mais eficaz instrumento na normatização das condutas e na disciplinarização dos corpos femininos. A introjeção dos valores sociais leva à formação de uma subjetividade *assujeitada* ao regime de verdades de uma época/cultura/sociedade. Dessa maneira são forjadas e naturalizadas a identidade feminina e as representações sociais que lhe são associadas. Para essas jovens feministas, é a percepção desse processo como produto de uma história e de uma cultura que permite o questionamento da interpretação e da valorização do corpo como depositário da essência e do lugar social de cada pessoa.

Ainda que as feministas tenham mostrado, todo o tempo, o quão questionável é a idéia de identidade feminina, a vivência de uma pessoa que carrega um determinado sexo biológico é construída em função dessa característica. E o processo de socialização deixa marcas inegáveis nas mulheres. As entrevistadas expressam o conflito interno que elas vivem por serem interpeladas, todo o tempo, por vários tipos de referências em suas vidas. Aqui, em especial, são destacados os embates gerados pela coexistência de uma opção por adotar uma outra maneira de enxergar o mundo e a si mesma, oferecida pelos feminismos, e a inegável força da experiência feminina passada e presente.

“Fiquei me perguntando se deveria adotar uma das várias formas do feminismo para ser reconhecida como feminista pelos outros. Eu não queria isso. Eu queria ver como seria o diálogo entre a Bárbara e os feminismos. Mas apesar de não me identificar com determinadas lutas feministas, me cobrava essa postura. Em que meus questionamentos pessoais podem se tornar políticos. (...) Enquanto a opressão vinha de fora, era mais fácil dizer não e brigar. O problema é quando começo a perceber que a opressão vem de dentro. Aí nem eu consigo entender direito o que está acontecendo.(...) Eu vejo que assumir essas ressonâncias da minha experiência feminina pode ser uma boa estratégia para combater isso. Cansei de só brigar comigo mesma. Vou assumindo as coisas e lidando com elas, me apropriando dos meus apegos e buscando coisas para combatê-las. Essa experiências convivem juntas, dentro de mim”. (Bárbara)

Bárbara demonstra que mesmo a identidade feminista, que tem um caráter de “escolha” para ela (ao contrário da feminina, imposta pelo nascimento nas nossas condições sócio-histórico-culturais), é problemática. Mesmo em relação aos feminismos, ela se sente “guiada” e julgada pelos olhares de outras pessoas. No entanto, essa cobrança surge como algo mais pessoal, vindo dela própria. Da mesma forma, as exigências dela, quanto ao abandono de determinadas práticas e posturas femininas, constitutivas de sua experiência passada e presente, por conta da identidade feminista

que assumiu, são vistas como uma briga interna sem fim. Bárbara não nega a força da construção feminina que carrega. Ao contrário, quer valer-se dela para se modificar. Nas palavras de Teresa de Lauretis<sup>8</sup>, Bárbara seria o “sujeito do feminismo”: aquele que parte da sua própria experiência de opressão para questioná-la e transformá-la, em vez de simplesmente negar sua existência, um sujeito cuja identidade está sempre em construção e, portanto, em mutação.

## NOTAS

---

\* Paloma Pinheiros Sanches é mestranda em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa “Epistemologia Feminista e História das Mulheres”.

<sup>1</sup> FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

<sup>2</sup> Tais entrevistas foram feitas em Janeiro/2003, no âmbito da disciplina Antropologia do Gênero, cursada por mim no 2.º semestre de 2002. Do universo de seis entrevistas, escolhi duas para expor nesse artigo.

<sup>3</sup> QUÉNIART, Anne e JACQUES, Julie. “Ser uma jovem militante hoje? Por que? Como?” In Labrys, *Estudos Feministas*, dossiê Espaços, Temporalidades, Linguagens. Número 1-2, julho/dezembro de 2002. [www.unb.br/ih/his/gefem](http://www.unb.br/ih/his/gefem)

<sup>4</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000, p. 12.

<sup>5</sup> Entendo assujeitamento como a introjeção de uma identidade de gênero construída social, cultural e historicamente. Baseio-me na definição elaborada por Tânia Navarro Swain. Para ela, assujeitamento é a resposta individual à interpelação do social que cria as identidades e a identificação a um grupo, definindo a inserção no espaço societal. Cf. SWAIN, Tânia Navarro (org.). *Feminismos: teorias e perspectivas*. Textos de História. Revista do PPGHIS/UnB, Brasília, 2000, vol. 8, n. 1/2, p. 53-54.

<sup>6</sup> Valho-me, aqui, da noção de representações sociais forjada por Denise Jodelet. Para ela, as representações sociais são uma “forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que têm um objetivo prático e concorrem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Cf. JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 22.

<sup>7</sup> Sobre isso, ver principalmente BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. In Guacira Lopes Louro (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 153-161.

<sup>8</sup> Cf. LAURETIS, Teresa. “A tecnologia do gênero”. In HOLLANDA, Cristina Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 217.